

O efêmero que marca: pensando a(s) cidade(s) contemporânea(s) através dos muros

ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS*

Resumo

O presente trabalho tem por escopo o estudo dos muros encontrados nas mais variadas cidades do mundo e divulgados no coletivo online *olheosmuros*, criado por um advogado e uma publicitária e, como o próprio manifesto do coletivo diz, construído diariamente pelas contribuições dos internautas. Por que? Porque a cidade tem algo a comunicar. Pretendo uma reflexão a partir do ver, escutar e sentir a cidade, retratando a relação dialética de afetar e, ao mesmo tempo, ser afetado pelo urbano, no esforço de aprender e apreender os muros como novas referências paradigmáticas para pensarmos a(s) cidade(s) contemporânea(s) e seus elementos epistemológicos.

Palavras-chave Redes Sociais; Experiência Urbana; Práticas Urbanas; Comunicação Urbana; Arte Urbana.

Abstract

The scope of this paper is the study of the walls found in various cities in the world and published in the collective online *olheosmuros*, idealized by a lawyer and a publicist and, as the collective's manifesto says, built by contributions from the internet every day. Why? Because the city has something to communicate. I intend a reflection from the see, hear and feel the city, depicting the dialectical relationship of affect and at the same time, be affected by the city in an effort to learn and understand the walls and new paradigmatic references to think contemporary (s) town (s) and its epistemological elements.

Key words: Social Networks; Urban Experience; Urban Practices; Urban Communication; Street Art.

Para começar a olhar os muros



* ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO SANTOS é Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará, atualmente integra o grupo de pesquisa Rastros Urbanos: Experiências, Trajetórias e Narrativas, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFC, coordenado pela Profa. Dra. Cristina Maria da Silva.



“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: é proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.” [...] “No setor infantil da Feira do Livro, em Bogotá: O lousóptero é muito veloz, mas muito lento. Na avenida costeira de Montevideú, frente do rio-mar: Um homem alado prefere a noite. Na saída de Santiago de Cuba: Como gasto paredes lembrando você! E nas alturas de Valparaíso: Eu nos amo.”

Eduardo Galeano

“As marcas que esses jovens deixam na cidade são para aqueles que 'sabem ler o muro’”. Assim termina a etnografia de Alexandre Barbosa Pereira, intitulada 'Pichando a Cidade: Apropriações

“Impróprias” do Espaço Urbano' e assim começa a minha pesquisa. Começa com a inquietação de perceber pichações, grafites, lambe-lambes e stencils como intervenções nos muros e, conseqüentemente, no imaginário urbano. Começa com o pensar a leitura visual desses muros, com o “ler o muro”. Começa com o perceber o coletivo *olheosmuros* como uma provocatória e um convite ao pensamento crítico a partir da imagem urbana composta nos muros do nosso cotidiano. Começa com o atentar para as trocas simbólicas traçadas *online* entre colaboradores na construção dia-a-dia do *olheosmuros*. Começa com o compreender a imagem, para além de um dispositivo, como uma metodologia dentro da etnografia.

Pensando os percursos metodológicos, minha pesquisa será constituída a partir de várias vozes, escrita por várias mãos,

pensada por várias mentes; uma vez que teve sua gênese em diálogos, compartilhamento de vivências e uma certa relativização da visão de autoridade etnográfica imposta por Malinowski em sua já tão refutada ideia de que o “nativo” não teria capacidade mental e perceptiva de compreender a sua própria realidade. Consoante a Geertz, julgo que, se pensarmos a cultura etnografada como um filme, a “sessão premiere” seria para o grupo estudado. (GEERTZ, 1997)

Tratar-se-á de uma pesquisa pautada nas sutilezas de uma razão sensível e no esforço de desempenhar um “ser afetado” no virtual como uma extensão do real, fazendo da “participação” um instrumento de conhecimento. Partindo disso, meu primeiro contato com o coletivo se deu através de contribuições enviadas por mim de muros presentes em meu cotidiano: na ida para a faculdade (passando pelos coloridos muros da Avenida João Pessoa, com seus grafites caprichados nos muros do Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos)¹ e em minhas viagens².

¹ No cruzamento entre a avenida João Pessoa e a rua Irmã Bazet, encontrei um muro que muito me fez pensar sobre o olheosmuros. Trata-se de um grafite de traços livres e despreziosos, que se entrecortam nas cores verde, laranja e vermelho. Acima dos grafites coloridos, encontra-se uma escritura em preto: “Arte e Coesão”.

² Em minha viagem a Belo Horizonte em julho de 2011, encontrei um muro que enviei ao coletivo olheosmuros. Tratava-se de um muro delicado e minimalista, com cores alaranjadas que pareciam sair do muro e vir de encontro a mim, com a figura da cantora e compositora de soul, blues, folk e jazz Nina Simone. Era um desenho baseado em uma das fotos mais emblemáticas de Nina: ela está acocorada, com as mãos agarradas uma à outra e as sobancelhas arqueadas. Ao lado do desenho encontrava-se uma escritura urbana: “I Put a Spell on You”, canção escrita por Scramin' Jay Hawkins e

Conheci o olheosmuros em 2010, através do *Twitter*³ e de seu recurso de “*who to follow*”, uma espécie de “quem devo seguir”. Assim, a página do olheosmuros surgiu-me aleatoriamente. Ao acessá-la, percebi que tínhamos alguns “seguidores” em comum, entre eles a professora Glória Diógenes e a artista visual Ceci Shiki. Direcionando-me a partir do *Twitter* para o *tumblr*⁴ do olheosmuros, encontrei um enorme acervo de fotografias de muros encontrados em cidades nacionais, como São Paulo, Fortaleza, Brasília, Rio de Janeiro, e também cidades internacionais, como Buenos Aires, La Paz e Berlin. Eram muros que compartilhavam provocações, causas, humor e os que mais me chamaram atenção e que reproduziam o “devir do olheosmuros”: pensar, ver, ouvir e, principalmente, sentir a cidade.

imortalizada pela versão de Nina. Nesse mesmo mês fui a São Paulo e encontrei o fenômeno dos muros de “Mais Amor Por Favor”, iniciados pelo artista Ygor Marotta e copiado por tantos outros, que copiavam não só a frase, mas também o estilo da letra pontuda do escritor urbano.

³ *Twitter* é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “*tweets*”), por meio do *website* do serviço, por mensagens via telefone móvel e por *softwares* específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las.

⁴ *Tumblr* é uma plataforma de *blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeos, *links*, citações, áudio e “diálogos”, a maioria dos *posts* feitos no *Tumblr* são textos curtos, mas a plataforma não chega a ser um sistema de *microblog*, estando em uma categoria intermediária entre o *Wordpress* ou *Blog* e o *Twitter*. Os usuários são capazes de “seguir” outros usuários e ver seus *posts* em seu painel (*dashboard*).

O olheosmuros foi criado em 2009 pelo advogado Eduardo Perazza de Medeiros e pela publicitária Gabriela Serio, que se conheceram *online* e mantêm, desde então, segundo Eduardo, uma relação de “inspiração mútua”. Depois de alguns meses seguindo os rastros do coletivo em quase todas as redes sociais e enviando contribuições de muros, enviei um e-mail para o endereço eletrônico olheosmuros@gmail.com⁵. Fui respondida três dias depois pelo e-mail pessoal dos idealizadores, por um “Eduardo, mas pode chamar de Zaza” e por uma “Gabriela, que preferia ser chamada de Gabi.” Eduardo me disse que o contato através do e-mail pessoal deles seria “mais seguro”, uma vez que o olheosmuros recebe muitos e-mails de colaboradores diariamente, o que o alimenta e o mantém vivo, e que ele e a Gabi poderiam acabar perdendo alguma mensagem importante.

Conversando por *e-mail* com os administradores do olheosmuros sobre a idealização deste, Gabi me fez o seguinte relato:

“Vou te falar que seu e-mail me emociona (não liga não, sou a parte mais sentimental do olheosmuros, e ainda estou perto do meu aniversário, então fico com mais vontade ainda de agradecer a vida, Deus, as pessoas e tudo mais. O Eduardo já sabe disso. Como estou com tempo agorinha já vou

responder. Aí depois o Eduardo escreve a versão dele. Vai ser até interessante ler isso! Bom, vamos começar do começo. Acho que o olheosmuros nasceu pra ser uma conexão entre o '*online*' e o '*off-line*' desde o princípio. Eu e o Eduardo começamos a nos falar por causa do meu *blog* e a amizade que começou ali e pelo Twitter saiu do computador pra vida real (tínhamos uma amiga em comum, o que facilitou tudo). Sempre conversamos muito sobre a vida, sobre música, sobre filosofias, paradigmas, todos e nada. Até chegamos a fazer um *blog* que se chama: 'Sumariamente Imenso' com alguns *highlights* das nossas conversas (depois passo o *link*! Estou no *blackberry* e daqui eu não consigo! Mas é do *blogspot*!) Em uma dessas conversas comentamos sobre as frases que tinham nos muros da Faria Lima que por coincidência os dois tinham reparado. E um belo dia (no dia 4 de novembro de 2009) - podemos te passar a conversa depois também.- o Zaza (desculpa, não consigo chamá-lo de Eduardo! Eu tentei.) teve a ideia de fazermos um Twitter com as frases de muros que a gente via. A gente tinha pensado até em outro nome na hora. Como eu estava tranquila na agência de Publicidade aquele dia, já fiz o Twitter na hora! Ai no começo a gente só colocava as frases, onde era. Nossos amigos e família começaram a ajudar e quando a gente viu a gente já não precisava caçar muros, porque eles vinham pra gente. Ai o Zaza teve a ideia de fazer o *tumblr* e modernizar o olheosmuros! O que deu um *boom* e hoje estamos com quase 6 mil seguidores por lá, recebendo elogios todos os dias que eu já nem sei mais como responder. Acho que o que fez a gente criar o olheosmuros foi essa nossa vontade em comum de fazer a vida não

⁵ O e-mail, enviado em 16/11/2011, tratou de comunicar a Eduardo e Gabi o aceite da minha comunicação no IV ENCISO (Encontro de Ciências Sociais do Estado do Ceará) no Grupo de Trabalho "Cidades e Práticas Urbanas: Trajetórias, experiências e narrativas". Aproveitei o contato para pedir, movida por um muro que dizia “escute a cidade”, que os idealizadores do olheosmuros falassem-me um pouco sobre a trajetória de cada um lançando os seguintes questionamentos: o que o(a) afetou e o(a) fez olhar os muros? O que o(a) levou a querer levar o outro a olhar os muros?

passar em branco. De ter a certeza de que estamos aproveitando o agora o máximo que podemos. Foi o medo que nós dois temos de entrar no piloto automático e morrer estando vivos e sem perceber. Foi a vontade e a curiosidade de aprender, de conhecer, de somar, de compartilhar.”

Eduardo complementou o relato de Gabi informando-me um pouco de sua trajetória e de como ela se cruza com os muros:

“Os muros, então, sempre estiveram presentes no dia-a-dia da minha vida. Sempre na posição de observador. Lá em 2009, a Gabi e eu nos conhecemos e logo nos identificamos profundamente. Somos muito amigos desde então, trocamos ideias, angústias, pensamentos, traçamos projetos, damos conselhos. Temos uma relação de inspiração mútua. Em uma dessas nossas conversas infundáveis, entramos no assunto muros e comentamos sobre aqueles que mais gostávamos. Chegamos a filosofar algumas vezes sobre algumas frases que vimos na rua, tipo “o amor é importante, porra”. A Gabi descreveu abaixo como tudo aconteceu: tivemos a ideia em uma troca de e-mails e criamos o olheosmuros, meio despretensiosamente. Nossa ideia era registrar tantos muros bons que víamos, diante da efemeridade desse tipo de registro (essa análise eu consigo fazer hoje. Na época, não pensamos tão claramente ou, melhor, profundamente quanto à efemeridade dos muros), para poder compartilhá-los com outras pessoas. Queríamos que outras pessoas também vissem os mesmos muros que estávamos vendo e que, na nossa opinião, eram geniais, lindos, emocionantes. Também queríamos conhecer mais e mais

muros, aqueles do outro lado do mundo, aos quais nunca teríamos acesso. Desde o começo, imaginamos que muitas pessoas também eram observadoras de muros. Por isso o olheosmuros nasceu como sendo um coletivo. Isso foi proposital, sabíamos que esse projeto somente iria adiante com o engajamento e a participação do maior número de pessoas possível. Só não imaginávamos que o projeto daria tão certo - ainda mais sabendo que nunca fizemos nenhum tipo de publicidade do olheosmuros. Nós não temos o costume de sair por aí pedindo troca de links com outros sites ou parcerias. Nunca fizemos isso. Todas as menções e recomendações que recebemos são absolutamente espontâneas. O crescimento do olheosmuros deu-se por ele mesmo, por ser um coletivo. E acreditamos que ele ainda pode crescer muito e muito mais! Estamos com alguns projetos futuros que são secretos, por enquanto. Hoje, neste exato momento, temos 969 seguidores no Twitter e 5997 seguidores no tumblr. Um dos muros que publicamos no tumblr já atingiu mais de 22000 menções/notas, o que é bastante. Não é raro termos muros que atingem mil menções/notas. Isso mostra o tanto de gente que o olheosmuros alcança. Acreditamos que pode atingir muito mais. Por que? São Paulo é uma cidade que sufoca, pois é extremamente caótica e agitada. É muito fácil deixar-se cair na rotina e parar de observar o que acontece ao redor. Não é uma exclusividade de São Paulo, obviamente. A vida urbana é assim mesmo. Em São Paulo, talvez isso seja potencializado pelo fato de a cidade ter proporções gigantescas! Mas toda cidade tem um ritmo que tira das pessoas o senso crítico e leva-as a ligar o piloto automático. Encantavam-me, e ainda me

encantam, as pessoas usarem os muros para deixar suas mensagens, reflexões, pensamentos, ideias, etc. Isso é muito interessante e inspirador. Para quem observa, é como fazer parte da vida, sentir-se parte de uma coletividade, ou simples empatia. Para mim, tem algo de pertencimento, de reconhecer aquilo que acredito no que o outro diz pelos muros ou de parar para refletir e pensar por conta de algo que eu tenha lido em algum muro (mesmo nas vezes que eu não concordo). Os muros permitem observar a cidade sob outro ponto de vista, com maior reflexão. A arte de rua é um fenômeno antigo, mas que sempre se renovou e que, ultimamente, passou de popular a refinada, frequentando galerias e movimentando o mercado artístico. Os muros são livres para todos acessarem. A arte de rua é o verdadeiro museu a céu aberto e gratuito dos tempos contemporâneos. Não é à toa que cidades como Lisboa, São Paulo, Buenos Aires, Bristol, se não incentivam, estão a tolerar muito mais essas manifestações.”

E foi assim, entre olhar os muros do meu cotidiano, olhar os muros online no olheosmuros e entre diálogos com Eduardo e Gabi e colegas, que comecei a pensar o muro, para além de provocações, humor e comunicações, como novas referências paradigmáticas para a construção de uma perspectiva e um pensamento sobre a(s) cidade(s) contemporânea(s). Começo a desenvolver esse meu pensamento nos parágrafos que se seguem. Pensamento este que pretendo potencializar em futuras discussões.

A minha opção pelo estudo da imagem justifica-se em minha preocupação com a ideia ainda incrustada entre os acadêmicos em Ciências Sociais,

Antropologia especificamente, de que a imagem seria apenas uma forma de comprovar o estar em campo, como se o devir da imagem se limitasse à comprovação do estar lá. Como os *travelogues*, ou filmes de viagem, que eram utilizados pelos exploradores do século XIX, trazendo imagens em plano geral/plano sequência não só das paisagens exploradas, mas também do explorador, comprovando a sua presença em determinado espaço.

Vejo o(s) lugar(es) das imagens na etnografia não apenas nos anexos, no fim da pesquisa, em uma mídia à parte, mas sim como uma forma teórico-metodológica, junto ao texto, à pesquisa como um todo, por acreditar que, apesar de a força da palavra ser irrefutável, as imagens também são formas tão expressivas e comunicativas quanto estas. Nessa perspectiva, a minha inquietação me leva a questionar o âmbito epistemológico próprio da antropologia da comunicação urbana: de que modo essas cidades (e esses indivíduos) comunicam o seu ethos na arte urbana? Como eu, enquanto pesquisadora, me encontro inserida nessa relação de “ser afetado”? De que maneira os muros podem vir a ser novas referências paradigmáticas para pensar a(s) cidade(s) contemporânea(s)? Essas são questões iniciais da minha pesquisa.

Ver, escutar e sentir a cidade: sobre afetar e ser afetado pelo urbano

“Encontro duas nuvens em cada escombros, em cada esquina. Me dê um gole de vida.” Criolo⁶

Assim como Criolo, que acredita encontrar nuvens em meio a escombros em cada esquina da cidade, assim como

⁶ Kleber Cavalcante Gomes (1975) mais conhecido pelos nomes artísticos Criolo ou Criolo Doido, é um cantor brasileiro de *rap* e *soul*. Em atuação desde 1989, ele é mais conhecido por ser o criador da Rinha dos MC's.

Eduardo Perazza, idealizador do olheosmuros, acredita que olhar os muros “tem algo de pertencimento, de reconhecer aquilo que acredito no que o outro diz pelos muros ou de parar para refletir e pensar por conta de algo que eu tenha lido em algum muro (mesmo nas vezes que eu não concordo)”, acredito que, em cada esquina, os muros estão lá, assim, como um convite ao parar, ao olhar e ao pensar.

Em “Rumo a uma História Visual”, Ulpiano T. Bezerra de Meneses convida-nos a um estudo do campo imagético realizado a partir de uma reflexão que relacione três domínios complementares: o visual, o visível e a visão. O domínio do visual compreenderia os sistemas de comunicação visual e os ambientes visuais, bem como “os suportes institucionais dos sistemas visuais, as condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação, consumo e ação dos recursos e produtos visuais”, para poder circunscrever “a iconosfera, isto é, o conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage”. Para Meneses, o domínio do visível e do invisível situam-se na esfera do poder e do controle social, do ver e do ser visto, do dar-se a ver ou do não dar-se a ver, da visibilidade e da invisibilidade. Já a visão “compreende os instrumentos e técnicas de observação, o observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar” de uma época. (MENESES, 2005)

Partindo do pensamento de Meneses e aproximando-o da minha trajetória e dos meus percursos, recordo um muro divulgado pelo olheosmuros em 28 de setembro de 2011, da fachada lateral de um ponto de ônibus na Avenida Brasil, em São Paulo. Um grafite de um jovem descabelado curvado, de olhos

fechados, acima a escritura “Ver a Cidade” em preto. O grafite já desgastado, em cores enfraquecidas pela ação do tempo, do sol e da chuva e com outros grafites sobrepostos. Incorporada a este *post* no *tumblr*, os idealizadores do olheosmuros adicionaram a seguinte frase: “Olhos abertos, sempre!”.

Esmiuçando o olheosmuros, encontrei, no mesmo dia, um muro postado em 29 de agosto de 2011. Tratava-se de um grafite em preto e branco em um muro amarelo; um homem com um turbante na cabeça com um olhar nervoso e uma boca entreaberta, junto ao homem um balão de fala (como esses que encontramos em histórias em quadrinho) com a escritura “Bang Bang!”. À direita do homem, as seguintes palavras em todas as direções, de forma, aparentemente, desordenada: “Tic Tac”, “Cof Cof”, “Biimm”, “Pow”, “Splat”, “Vrumm” e “Triiiim”. Fiquei surpresa e um tanto desapontada ao ler a frase incorporada ao *post*: “Onomatopéias da cidade em Fortaleza-CE.” Ora, tratava-se de um muro da minha cidade, presente em meus percursos diários, localizado na Avenida Treze de Maio. Isso me levou a constatar o que Eduardo e Gabi escreveram no manifesto do olheosmuros: olhar os muros é um exercício diário.

Pensando as “onomatopéias da cidade de Fortaleza” junto a um muro publicado pelo olheosmuros em 31 de outubro de 2011⁷ penso em, para além de olhar os muros, escutá-los. Consonante a Arthur Omar, acredito no

⁷ Trata-se de um muro localizado na Praça Senador José Bento, Centro de Pouso Alegre – Minas Gerais. É um muro de cor cinza e textura aparentemente áspera. Nele encontra-se a técnica do stencil. Vê-se uma orelha e a escritura “Escute a Cidade” em preto.

pensar os tímpanos do olhador para pensar o olhar os muros.

O artista percute, o outro soa. O artista tem as baquetas, o outro é couro, e vibra. O artista bate, o outro explode. Só nesse sentido se pode dizer que a fotografia tem ritmo. Não o ritmo visual dos elementos (massas, volumes, linhas) no interior de uma imagem, o que a aproximaria das artes plásticas, mas o ritmo resultante da dança entre o homem e seu tambor. Tímpano. (OMAR, 1997)

Desta maneira, acredito que o escritor urbano percute uma ideia nos muros, como se estes fossem tambores. Semelhantemente a isso, o olheosmuros apropria-se desses muros e os percute nas redes sociais. E quem é esse outro que soa? O outro é o que passa pelas calçadas e percebe essas escrituras, que estica o pescoço para fora da janela do veículo em movimento para ver melhor as cores e/ou a mensagem estampada, o outro sou eu, que cá estou escrevendo essa pesquisa.⁸

Nesse primeiro momento da minha pesquisa, afasto-me de Alexandre Barbosa Pereira, minha preocupação primeira aqui não é o muro do qual nos fala o autor em 'Pichando a Cidade: Apropriações "Impróprias" do Espaço Urbano':

Muitos cidadãos paulistanos reclamam de uma falta de sentido no que esses jovens inscrevem nos muros da cidade, porém essas inscrições não foram feitas para uma compreensão ampla. O pichador, de um modo geral, não

quer se comunicar com a cidade, embora acabe fazendo isto, mas sim se comunicar com os outros pichadores na cidade. O nome pichado no muro não foi feito para que o sujeito que não tem contato com a pichação entenda. [...] (PEREIRA, 2007)

Não concentro-me na categoria "pichadores", minha intenção inicial é pensar indivíduos que querem comunicar algo sem distinções; um muro, e uma cidade, como narrativa, que quer comunicar algo e que, tantas vezes, nos passa despercebido pelo olhar saturado do cotidiano. Esse afastamento inicial de uma provável discussão sobre *status* não significa um afastamento do indivíduo que afeta e é afetado, uma vez que concordo com Gilberto Velho quando este afirma:

Os indivíduos desenvolvem seus projetos, mas não no ar, e sim dentro de um campo de possibilidades, que é o repertório sociocultural existente, que tem a ver com várias coisas em vários níveis, com ideologias, com visões de mundo e com experiências de classe, de grupos de status, de grupos de ethos. (VELHO, 2002)

Os muros como referências paradigmáticas para pensar a(s) cidade(s) contemporânea(s)

Em termos artísticos, estéticos, gostaria de lembrar que, segundo os termos de Lévi-Strauss, podemos aludir que a arte se insere a meio caminho entre o conhecimento lógico e o pensamento mítico, ou mágico; pois o artista, podemos considerar, é uma combinação do sábio e do *bricoleur*. Lévi-Strauss, que sempre foi amante da arte, sonharia ainda conosco que a arte, mas, sobretudo, o homem e as culturas, ao se reunirem, conseguiriam, um dia, dar valor aos traços profundos, que unem

⁸ Outra forma de escutar os muros e a cidade, para mim, é ao som do poeta urbano Criolo Doido. Há, inclusive, um vídeo da música "Não Existe Amor em SP" no *YouTube* construído apenas com o áudio da música e registros de muros com as já emblemáticas frases "Mais amor por favor" e "O amor é importante, porra".

percepção e imaginação - abstração e lógica.

Assim como Beatriz Furtado, penso que:

Se podemos definir a modernidade pela aceleração do tempo, tão bem assinalada por Simmel e Benjamin e bem posta na poética de Baudelaire e Edgard Allan Poe, na contemporaneidade, a velocidade das mudanças tecnológicas tem sido traduzida pelas hiperacelerações em todos os âmbitos da vida cotidiana, em especial nos espaços urbanos com seus equipamentos de transporte e comunicação. (FURTADO, 2002)

Acredito que os muros, com suas comunicações visuais, contribuem para a construção de um estilo de centro urbano que, partindo do domínio do simbólico, rompe com os grandes projetos urbanos modernos. Tudo está, de forma bem acentuada, absolutamente fragmentado.

Nos rastros de Ettiene Samain, acredito que “ao lado da oralidade e da escrita, as imagens têm uma vida própria e singular, mas complementar, necessária por um antropólogo para pensar o ser humano e as culturas nas quais vive.” (SAMAIN, 2008)

Os muros são suporte para técnicas híbridas: grafites, lambe-lambes, stencils, entre outros, que misturam imagens e escrituras. Assim, temos nestes a força da palavra que julgo irrefutável, e as imagens, que também são formas tão expressivas e comunicativas quanto estas. O que estou querendo propor nesta pesquisa não é apenas, como o coletivo olheosmuros, o despertar, o perceber os muros que nos cercam. Não proponho aqui apenas o parar, olhar e refletir sobre as comunicações e intervenções presentes nos muros, proponho o pensar

esses muros, mesmo que muitas vezes efêmeros e constantemente sendo sobrepostos por tantas outras comunicações, como uma possibilidade de extrair, de apreender, sem, no entanto, cristalizar, uma realidade e uma perspectiva de nossa época.

Esta é uma pesquisa que ainda está nascendo e se desenvolvendo. Por esta razão, penso que ainda é prematuro objetivar conclusões. Ainda no princípio de um estudo do caleidoscópio das práticas sociais desempenhadas e comunicadas na cidade através dos muros, sinto-me grata ao coletivo olheosmuros por instigar, provocar e fazer pensar o muro para além do muro.

A partir dessa pesquisa, penso que não só o mapeamento da presença de comunicações visuais no espaço urbano, mas também um olhar atento para as relações virtuais, como extensões do real, levam-nos a perceber que essa interação entre os muros, munidos de símbolos e sentidos subjetivos e atribuídos, e a vida cotidiana pode ser um método de, nos rastros de Walter Benjamin, construir narrativas e perspectivas sensíveis de uma cidade que afeta, infecta, sufoca e alegra. Essas narrativas do mosaico social são matéria sensível fundamental para pensar o tecer de um objeto de estudo que não cristaliza, é pulsante e inquieto. Consonante a Ana Helena do Nascimento Barbosa, penso que o momento é de suscitar olhares e ouvir outras narrativas e percepções da experiência humana no espaço urbano, que complementem e ampliem os recursos e métodos do trabalho do antropólogo.

Referências

BARBOSA, A. H. N., SANTOS, A. A. N. Lugares de Memórias: narrativas e imagens sobre o centro de Fortaleza In: IV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ESTADO DO CEARÁ - ENCISO, 2011, Fortaleza. IV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ESTADO DO CEARÁ - ENCISO CULTURA, POLÍTICA E MEIO AMBIENTE: OLHARES PLURAIS. , 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. In: **Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**, 8. p.3-9.

FURTADO, Beatriz. **Imagens Eletrônicas e Paisagem Urbana**. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002

GEERTZ, Clifford. O saber local: **Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C; NOVES, S.C. (orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

OMAR, Arthur. **Antropologia da Face Gloriosa**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Pichando a Cidade: Apropriações “Impróprias” do Espaço Urbano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs). **Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SAMAIN, E. Palestra acerca da importância da imagem nas Ciências Sociais. In: **I Ciclo de Diálogos em Antropologia e Imagem**. Fortaleza, 2008.

VELHO, Gilberto. Mudanças, Crise e Violência. **Política e cultura no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.